

Introdução

Desde a época colonial até ao presente, passando pelos tempos das Guerras de Libertação e da formação de Estados nacionais independentes, a produção literária em português na África, assim como a produção de outras formas artísticas, nunca deixou de crescer de forma constante. É de salientar, ainda, que as culturas africanas de língua portuguesa mantêm um permanente diálogo com Portugal – e com a língua portuguesa – e que os seus autores, voluntária ou involuntariamente, estão marcados pelas mudanças geográficas de lugar. Nesse contexto, no decorrer do século xx e no âmbito dos variados movimentos migratórios entre a colónia e a metrópole, surge a pergunta: onde termina a literatura portuguesa colonial “sobre” a África e a partir de quando é que se pode falar de uma literatura ou cultura angolana, moçambicana, cabo-verdiana, etc.? Segundo Antonio Candido (1959), para que se possa falar de uma literatura nacional, é condição inalienável a existência prévia de um sistema literário. Assim, entende-se que este se constitui pelo agir de um grupo de autores mais ou menos conscientes do seu papel, pela existência de um público leitor, que se organiza em diferentes grupos de acordo com os seus interesses, e pela configuração de um mecanismo de divulgação (também na forma de uma tradição literária com a qual dialogar). Somente num sistema literário assim definido é possível conformar uma tradição que ponha em relação os elementos individuais entre si e que estabeleça, ao mesmo tempo, um sistema de comunicação que propicie uma consciência de pertença cultural partilhada (na linha das *Imagined Communities* de Anderson 1983).

A construção de uma identidade cultural e literária nos países africanos de língua portuguesa surgiu numa época em que, em outras regiões do mundo, o conceito de “nação” e o projeto fundacional a ele associado pareciam haver perdido o poder de mobilização. Some-se a isso que a heterogeneidade dos países africanos, devida, também, aos movimentos migratórios provocados pelas respetivas guerras civis, fez com que a construção de uma memória coletiva unificadora (Jan Assmann 1992, Aleida Assmann 1999) adquirisse algumas particularidades específicas. Patrick Chabal (1994) diferencia, no eixo do tempo, quatro fases de desenvolvimento das literaturas africanas em geral: Assimilação (época colonial), Resistência (durante as Guerras de Libertação), Afirmação (após o período das independências) e Consolidação (o tempo presente), as quais servem de guia para o estudo dos diferentes processos de construção de uma cultura nacional. Nesse

contexto, surgem as seguintes perguntas: pode-se falar, realmente, de uma cultura nacional em Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e na Guiné-Bissau? Como se orquestram e constroem essas identidades culturais no âmbito da literatura? Já se desenvolveu, entretanto, uma identidade cultural nos países africanos de língua portuguesa, que possa ser considerada nacional, ou esta dilui-se nas várias identidades regionais heterogêneas e mesmo nas que surgem da migração e do exílio?

O volume que aqui se apresenta pretende contribuir com alguns elementos para o debate destas questões, necessariamente sempre inconclusas, ao discutir uma série de obras literárias das fases históricas de Resistência, Afirmção e/ou Consolidação. O volume está estruturado em quatro eixos temáticos e inclui ainda uma entrevista.

A primeira secção temática oferece algumas “**Visões gerais**” sobre as questões acima abordadas. **Aida Gomes** lança um depoimento pessoal, no qual faz um mapeamento das literaturas africanas de língua portuguesa, discutindo-as, por um lado, dentro do contexto africano, e, por outro, no âmbito da Lusofonia. Aborda uma série de pontos importantes para este mapeamento, nomeadamente, as relações entre a política e a literatura em África, a posição semiperiférica de Portugal no sistema mundial (Wallerstein, Sousa Santos), o poder do cânone ocidental, as políticas linguísticas, a posição dos escritores “lusófonos” no mercado do livro e a participação dos escritores africanos de língua portuguesa na formação da respectiva nação e de uma identidade nacional.

Eduardo Felisberto Buanaissa reflexiona sobre a contribuição das *africanidades* numa utópica (re)formação da Lusofonia, a partir de uma pesquisa levada a cabo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil, e de conversas com o filósofo moçambicano Severino Ngoenha. Defendendo a Lusofonia – interessa salientá-lo –, discute o papel da CPLP, a existência de valores de cultura africana na formação da brasilidade, o impacto das políticas neoliberais na África e propõe o aproveitamento do conceito de interculturalidade para uma sociedade mais justa.

Encerra-se esta secção com um ensaio de **Enrique Rodrigues-Moura** sobre o conceito de Lusofonia, tanto do ponto de vista da sua construção teórica – o absoluto predomínio da língua como fator de coesão de indivíduos e povos próximos ou distantes –, como da sua implementação histórica, liderada por Portugal. Após apresentar as contradições do próprio conceito, discutindo a polémica nacionalista que se viveu no Brasil, no âmbito académico, quando da publicação de *Formação da literatura*

brasileira, de Antonio Candido, o texto estuda o abuso epistemológico da relação entre pátria e língua, com referências a textos de José Eduardo Agualusa e Juva Batella.

A segunda secção, intitulada “**Identidades luso-africanas**”, aborda uma série de movimentos e posicionamentos identitários nos países africanos de língua portuguesa. A representação da opressão das mulheres negras na obra de Mia Couto é centro de interesse no ensaio de **Orquídea Ribeiro**. A autora parte da metáfora da “mula” (Hurston 1992), que alude à condição de constante subjugação da mulher negra e analisa a representação das mulheres nos contos “Rosalinda, a nenhuma” (do livro *Cada homem é uma raça*, 1990), “O Cesto” e “As três Irmãs” (do livro *O fio das missangas* 2004), bem como nos romances *A confissão da leoa* (2012) e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), chegando à conclusão de que nestas obras “as mulheres são desvalorizadas, anuladas, submetidas ao sofrimento em silêncio, refletindo a sociedade moçambicana”.

A confissão da leoa, de Mia Couto, é também objeto de estudo no ensaio de **Fernando Alberto Torres Moreira**, ao lado de *Teoria geral do esquecimento*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa. Contudo, o foco de interesse são agora as visões das realidades identitárias de Moçambique e Angola pós-independência e pós-guerras civis. Fernando Moreira questiona como os dois escritores contribuem, cada um à sua maneira, para a construção das duas nações e das suas identidades, perseguindo objetivos semelhantes, “contribuindo, com a sua reflexão e intervenção cívica, para o reequacionamento dos fundamentos da imagem que os europeus criaram e afirmando a pluralidade necessária de vozes para contar África”.

Jessica Falconi analisa a identidade a partir de um outro prisma, ao analisar as representações do Oceano Índico em duas obras literárias de autores moçambicanos: a novela *Neighbours* (1995), de Lília Momplé, e o conto “O pano encantado”, de João Paulo Borges Coelho (incluído em *Índicos indícios – Setentrião*, 2005). O Oceano Índico, concebido como um espaço inter-regional e uma zona de contato que se caracteriza pela heterogeneidade e hibridez, é ponto de partida para uma reflexão em torno de umas relações culturais e identitárias ainda pouco exploradas, as existentes entre Moçambique e as diversas margens do Oceano Índico.

Na terceira secção temática, “**Diálogos afro-brasileiros**”, reunimos ensaios que tratam de processos identitários que atravessam o Atlântico, da África ao Brasil. Partindo do romance *Nação crioula*, do angolano José Eduardo Agualusa, **Kian-Harald Karimi** desenvolve uma reflexão em tor-

no do título da obra. *Nação crioula*, nome de um barco escravagista, que não só metaforiza a transferência de significados da Europa para o outro lado do Atlântico, seja Angola ou o Brasil, mas também permite discutir a relação entre o conceito de nação e o de criouldade, entendido como uma postura mental e não como um conceito rácico-étnico. Outro foco de interesse constitui o género do romance epistolar e a sua criouldização através da viagem do autor das cartas (Fradique Mendes, personagem inventado por Eça de Queirós e reficcionado por Agualusa) por várias das periferias do império luso (de Angola ao Brasil).

Maria do Carmo Cardoso Mendes apresenta outro diálogo afro-brasileiro ao analisar a construção da identidade literária cabo-verdiana sob influência da literatura brasileira. Objeto de estudo é, por um lado, a revista *Claridade* (1936), que promoveu o conceito da cabo-verdianidade e se apropriou do mito de Pasárgada do poeta brasileiro Manuel Bandeira. A autora ressalta, ainda, a influência do regionalismo brasileiro (nordestino) nos romances *Chiquinho* (1947), de Baltasar Lopes da Silva, e *Os flagelados do vento leste* (1960), de Manuel Lopes, chegando à conclusão de que “o modelo cultural e literário do Brasil representou uma alternativa a uma influência – a colonizadora – na qual os escritores que construíram os alicerces da literatura cabo-verdiana não se viram projetados”.

Com **Alva Martínez Teixeira** cruzamos o Atlântico. Invertendo o nosso olhar, entramos em questões identitárias relacionadas com a literatura brasileira, na qual o passado africano continua a ser um tema de escassa presença. Alva Martínez Teixeira estuda um dos poucos autores que introduz “um olhar singular e renovador a respeito do imaginário africano e os seus processos históricos de hibridação cultural no Brasil”. Alberto Mussa, neto de imigrantes libaneses e palestinos ortodoxos, incorpora no seu imaginário não só a África negra, mas também a África árabe, salientando a dupla herança africana que o Brasil acolheu. A este respeito, estudam-se contos do livro *Elegbara* (1997) e os romances *O trono da rainha Jinga* (1999) e *O enigma de Qaf* (2004).

Finalmente, os ensaios incluídos na quarta secção, “**Diálogos afro-portugueses**”, dedicam-se às relações identitárias no campo de tensões existentes entre as ex-colónias portuguesas na África e a outrora metrópole colonial. **Maurício Salles Vasconcelos** empreende uma incursão pela poesia em Portugal, no contexto do salazarismo, e em Moçambique, sob o ditame colonial, criando um diálogo poético entre *De ombro na ombreira* (1969), de Alexandre O’Neill, e *O país dos outros* (1959), de Rui Knopfli.

Ambos os poetas combatem a partir de posições socioculturais opostas o regime totalitário português. Para O'Neill, os “modos de ser português em seu dimensionamento territorial e comportamental” tornaram-se um tema cada vez mais importante, enquanto que, no caso da obra de Knopfli, vem a expor as contradições políticas do colonialismo em Moçambique.

Tobias Brandenberger discute o caso de Guilherme de Melo, um escritor branco nascido em Moçambique, que emigrou para Portugal após o 25 de Abril, e cuja pertença a um ou outro sistema literário é problemática. Com base numa leitura do primeiro romance deste autor, *Ratzes do ódio*, obra comprometida com as injustiças da sociedade racista, reflecciona sobre as construções identitárias no Moçambique colonial. Os contextos da publicação (1965), incluindo a censura pela PIDE, e da reedição (1990), são tidos em conta na avaliação da pertença da obra e do autor, que não encaixa “nos esquemas maioritários em constelações do *nation-building*”.

A literatura dos “retornados”, um possível novo subgénero da literatura portuguesa, é tema dos ensaios de Isabel Azevedo e de Luciana Moreira Silva. **Isabel Azevedo** discute o termo “retornado” e sublinha a heterogeneidade das pessoas assim designadas, ao tempo que aponta a heterogeneidade das obras literárias por elas produzidas, apresentando “uma identidade algo híbrida entre ser português e ser africano”. Ao analisar os romances *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso (2011), e *Os retornados – um amor nunca se esquece*, de Júlio Magalhães (2008), foca-se na rejeição dos “retornados” a respeito do discurso de identidade portuguesa e na tentativa de reparação do estigma deste grupo de pessoas, que recusam, por vezes em tom nostálgico, o fato de serem etiquetados, mecanicamente, de (ex)opressores colonialistas.

Já **Luciana Moreira Silva** parte de outras obras do mesmo subgénero: *A balada do ultramar* (2009), de Manuel Acácio, e *Caderno de memórias coloniais* (2010), de Isabela Figueiredo. A autora avalia o posicionamento de ambos os autores relativamente ao processo de retorno, analisando a representação da experiência em África, do regresso a Portugal e da (des)identificação dos “retornados” com o seu país de destino. Chega à conclusão de que o romance de Acácio apresenta uma perspectiva acrítica e saudosista, enquanto que o de Figueiredo denuncia severamente e em tom irónico o colonialismo e o papel dos colonos brancos em África.

Finalmente, a **entrevista** à escritora Paulina Chiziane, realizada por **Doris Wieser**, constitui um parêntese aos ensaios, oferecendo uma ampla reflexão sobre a construção de identidades em plural no contexto colonial

e pós-colonial moçambicano. As questões centram-se nas imagens estereotípicas de diversos grupos étnico-sociais em Moçambique, a construção da moçambicanidade, as diferenças culturais internas, a relação entre a suposta tradição africana e a denominada modernidade europeia, o profundo trauma da guerra civil e o uso da língua portuguesa na sociedade e literatura moçambicanas.

Assim, este livro oferece ensaios de um leque amplo de autores de origem e filiação institucional diversa (Alemanha, Angola, Áustria, Brasil, Itália, Moçambique, Portugal), que oferecem perspectivas diferenciadas de dentro e de fora dos contextos nacionais e identitários aqui apresentados, e que se complementam e enriquecem.

Os autores já tiveram anteriormente a oportunidade de debater estes temas ao vivo no x Congresso Alemão de Lusitanistas, celebrado em Hamburgo de 11 a 14 de setembro de 2013, no âmbito do nosso painel “Identidades em Movimento”. Este livro é o resultado de uma seleção, quer das comunicações aí apresentadas, quer de outras contribuições que nos chegaram, todas submetidas a um processo de *peer-review* que nos permitiu chegar ao conjunto de ensaios aqui publicados.

Doris Wieser e Enrique Rodrigues-Moura

Referências bibliográficas

- CANDIDO, Antonio (1981 [1959]): *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- ANDERSON, Benedict (2006 [1983]): *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London / New York: Verso.
- ASSMANN, Aleida (2010 [1999]): *Erinnerungsräume. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*. München: C.H. Beck.
- ASSMANN, Jan (2007 [1992]): *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*. München: C.H. Beck.
- CHABAL, Patrick (1994): *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega.